**Mesa Redonda: Estudantes de Pedagogia e lutas sociais: o que temos a ver com isso?**

A mesa redonda teve início com a palavra da professora Olinda Evangelista, que fez uma ressalva aos mortos da Ditadura Militar no Brasil. Lembrar-se deste acontecimento é analisar como a polícia se coloca a favor do Estado e contra a população. São fatos que não servem só para se voltar na história, mas sim para si questionar se é essa polícia que queremos no campo da Universidade Federal de Santa Catarina? Contextualizar os fatos é fazer questionamento sobre o comportamento da polícia e sua forma de ação perante a população.

O levante do Bosque, ação da polícia é guerra midiática, fez com que eu me remetesse ao texto *“O processo Geral do Saber”* nesta escrita Brandão, contextualiza como se deu o conhecimento, em uma determinada época, ele vai evoluindo e passando de geração para geração. Mas tarde o conhecimento é aprisionado e passa a ser erudito, ou seja, quem determina o que é certo ou errado, passa a ser a minoria, aqueles que detêm o conhecimento e o poder. Mas porque falar desse texto é pelo fato de que nos últimos dias eu tenho ouvido várias pessoas que não tem conhecimento, tão pouco informações para fazer uma análise critica dos fatos. Não estou falando que eu tenho esse conhecimento, mas colocando a minha situação de mulher negra que já fui abordada pela polícia sem esta fazendo nada que agride a moral ou o Estado. Pois certo dia eu, nordestina estava caminhando em um bairro nobre de São Paulo, “Jardins”, quando fui abordada pela polícia, fui colocada em um carro, e levaram-me há um local deserto e ali fui violentada por dois polícias, que faziam ronda naquele local. Porque falar de um fato que já aconteceu há muito tempo, é mais um aspecto de como a polícia brasileira utiliza o “poder”, em “benefício” de sua corporação. Assim eu faço um questionamento essa é a polícia que queremos? O que vocês responderiam se escutasse de futuras educadoras, que defendem a polícia dentro do Campus da UFSC. Sem se questionar a forma de como a polícia se coloca, em defesa de um Estado capitalista e burguês.

Assim eu vou levantar a minha bandeira sou a favor sim de uma guarda humanizada dentro do Campus, mas que respeite as pessoas que estão ali, principalmente as minorias os negros, índios e os homossexuais. Pois se é certo respeitar o hetero e sua família, porque não podemos respeitar as minorias. Reafirmo temos que contextualizar sempre a história, se queremos uma modernidade mais humanizada.

Voltando na história, quando no ensino médio, nós estudamos a guerra que os Estados Unidos travou contra a Rússia, a tão famosa Guerra Fria, uma guerra travada em torno de informações. E agora, estamos vivendo isso novamente, temos quer ter cuidado com as informações que chegam até nós. E o que nós futuros professores temos a ver com isso? O processo de formação do sujeito não só acontece na escola ou na universidade. É uma ação que vai além da sala de aula, no caso da UFSC temos que participar dos movimentos estudantis e é através deles que os estudantes conseguem várias conquistas. Nas ações que envolvem os estudantes e a polícia, há um impasse que é histórico, que o Estado capitalista faz questão de manter. É preciso contextualizar a época em que vivemos. O lugar onde estamos inseridos e perguntar o que queremos se é uma educação emancipadora que busca uma educação critica para todos, das crianças aos adultos.

Referência

BRANDAO**,** Carlos Rodrigues. **O processo geral do saber** (a educação popular como saber da comunidade). In:----. Educação popular. São Paulo: Brasiliense, 1997.p.14-26(com cortes)